



O MENINO

Guido Bilharinho

Matou o menino porque ele o viu em lugar impróprio com pessoa imprópria. A menina, por muito nova, foi poupada, vez que não entendia a complicação. Nos dias seguintes foi aquele tumulto. A mãe inconsolável, revoltadíssima. A polícia tateando, investigando, interrogando. Ele, o assassino, no centro do furacão, fingindo e fugindo de evidências. Para não ser reconhecido pela menina, trocou a camisa cor de rosa que portava na ocasião. Não tendo visto seu rosto, poderia lembrar-se da camisa. E foi ficando por ali. O Menino morto, sendo velado, lamentado, chorado. Vivo, esperto, inteligente. Por isso, viu e entendeu. E isso levou à sua perdição. O ambiente carregado, oprimido. A polícia em ação. O cerco apertando. Ninguém havia visto algum estranho circulando por ali, entrando ou saindo de qualquer lugar. O assassino deveria ainda estar no local. Mas, quem? Nenhum poderia ser, nem mesmo suspeito. Mas, assassino havia já que assassinato houve. Sem dúvida. Mas, como chegar a ele? O menino morto no caixão, provocando revolta e ira. Ninguém admite a hipótese. Contudo, ocorrente. Malignamente ocorrente. O primeiro sentimento, de perplexidade, estupefação e estonteante surpresa, esvaira-se. Em seu lugar, ocupando os espaços emocionais dos circundantes, a revolta e a ira mais absolutas, assoberbantes, irrefreáveis. A polícia, entre dois fogos cruzados. O desejo de vingança de uns e a esperteza e a malícia do assassino, até então irrevelado, inconhecível e irreconhecível. Será possível? Como não identificá-lo, encontrá-lo, prendê-lo, justicá-lo? Não se entende. Nem se aceita. O ambiente cada vez mais oprimido, mais escaldante, a ponto de



fugir do controle. A polícia todavia, persiste investigando, interrogando, periciando. Cada vez mais incrédula do alvo que as investigações conduzem, inevitavelmente. De ponto em ponto vai-se formando a linha, imperceptível para a maioria. Não, porém, a esta altura, para a investigação policial, conquanto estupefata. Nesse entrementes, enquanto proliferam investigação de um lado e revolta de outro, os familiares atarantados sucumbem entre dor e cólera. A mãe nem acredita no que presencia. O corpo do filho querido de oito anos estirado no caixãozinho. Não pode ser verdade. Só pode ser engano de seus olhos e de seus sentidos. Só pode ser.

A realidade lhe é inaceitável. Nesse caos emocional, o marido e pai permanece abúlico, sem palavras, sem ação. Mas, atento e observador. Convivem, formando uma só tessitura, a tristeza do velório e a azáfama do vai e vem de policiais, peritos e investigadores melimetricamente examinando e testando espaços, tempos e hipóteses.

Até concluírem-se uma e outra com o cruciante enterro e, conquanto muito rápida, a conclusão investigativa. Tão inacreditável, que os próprios policiais mostram-se incrédulos. Mas, evidências, indícios e provas não deixam dúvidas. Nessa altura, o marido e pai, indo ao enterro, dele não volta, desaparecendo.

(Do livro inédito *Acontecimentos*)

Texto recebido em: 10/05/2018
Texto aceito em: 20/07/2018